



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

CAIO CONCCILO MARTINS

A MUNDANIDADE E A CRÔNICA DE GRACILIANO RAMOS

CAMPINAS - SP

2021

CAIO CONCCILO MARTINS

A MUNDANIDADE E A CRÔNICA DE GRACILIANO RAMOS

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Estudos Literários

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Cesar Barbosa de Melo

CAMPINAS - SP

2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

M366m Martins, Caio Conccilo, 1996-
A mundanidade e a crônica de Graciliano Ramos / Caio Conccilo Martins. –
Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Alfredo Cesar Barbosa de Melo.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Ramos, Graciliano, 1892-1953 - Crítica e interpretação. 2. Crônicas
brasileiras - História e crítica. 3. Mundanidade na literatura. I. Melo, Alfredo Cesar
Barbosa de, 1979-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da
Linguagem. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: The worldliness and the chronicle of Graciliano Ramos

Palavras-chave em inglês:

Ramos, Graciliano, 1892-1953 - Criticism and interpretation

Brazilian chronicles - History and criticism

Worldliness in literature

Titulação: Bacharel

Data de entrega do trabalho definitivo: 19-01-2021

*Aprenderei a amar as casas
quando entender que as casas
são feitas de gente
que foi feita por gente
e que contém em si a possibilidade
de fazer gente. (Matilde Campilho)*

Agradeço aos meus pais, Cláudia e Luiz Eduardo, sem eles não seria possível. E ao Prof. Alfredo por aceitar me orientar neste caminho.

*Dedicado aos amigos que fizeram essa
loucura mais agradável: Ana, Chamex,
Chow, Edinho, Fernanda, Gabriel, Gabs,
Isabela, Luana, Lucas, Nicole, Rafaela,
Romano e Yasmin.*

RESUMO

A marcha para o campo é uma crônica presente em *Linhas Tortas*, livro de Graciliano Ramos que reúne um conjunto de sua produção como cronista ao longo dos anos. Neste estudo foi apresentado e utilizado o conceito de Mundanidade, de Edward Said, para propor uma leitura, com base neste termo, sobre a obra de Graciliano. Busca-se entender melhor a posição que o autor toma em *A marcha para o campo*, a recepção dele quanto a um discurso de Getúlio Vargas, as características do lugar no mundo onde ele se encontra, suas relações com o governo vigente, e de que forma olhar para a fortuna de crônicas pode contribuir no enriquecimento do debate crítico a respeito de todo o trabalho literário do renomado romancista.

Palavras-chave: Graciliano Ramos; *A marcha para o campo*; Mundanidade; Crônica.

ABSTRACT

A marcha para o campo is a chronicle present in *Linhas Tortas*, a book by Graciliano Ramos that brings together a set of his production as a chronicler over the years. In this study, Edward Said's concept of worldliness was presented and used to propose a reading, based on this term, about Graciliano's work. The intention is to better understand the position that the author takes in *Marcha para o Campo*, his reception regarding Getúlio Vargas' speech, the characteristics of the place in the world where he is, his relations with the current government, and how looking at the wealth of chronicles can contribute to the enrichment of the critical debate regarding the whole literary work of the renowned novelist.

Keywords: Graciliano Ramos; *Marcha para o Campo*; Worldliness; Chronicle.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: A importância da crônica no mundo	13
1.1 Said e a mundanidade	14
1.2 Mundanidade aplicada à crônica brasileira	17
CAPÍTULO 2: Graciliano Ramos e o governo Vargas	20
2.1 Estado Novo	21
2.2 <i>A Marcha para o Campo</i>	23
2.3 Mundano	25
CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIAS	29

Introdução

Dentre os gêneros literários a crônica não está em uma posição de grande destaque, sua definição mais simples contempla textos ligados aos meios de comunicação e que tratam de assuntos cotidianos, portanto seriam de menor valor literário. O gênero tornou-se corrente no Brasil com a difusão da mídia impressa, muitos escritores encontraram ali o espaço para publicar seus textos e ter algum retorno financeiro, porém poucos alcançaram por este meio a glória dentro do mundo literário. Como bem descreveu Thiago Salla¹:

Na maioria das oportunidades, os textos publicados na imprensa por estes escritores seguiram o formato e os parâmetros do gênero crônica. Como se sabe, tal modalidade de escrita é caracterizada por seu hibridismo e fluidez, em que se observa fusão de, entre outros, elementos do conto, da digressão dissertativa (vida cultural, política e cotidiana) e da crítica literária com aspectos do *fait divers*. Ela permite, dessa maneira, adentrar a ponte que liga a escritura literária e jornalística. (Salla, 2005 p. 2)

A tradição brasileira de bons cronistas está repleta de nomes de destaque, alguns identificados pela produção no gênero, como Rubem Braga, outros consagrados por produções variadas, os romancistas: como Machado de Assis e Graciliano Ramos; e os poetas: como Vinicius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade. Mas os estudos literários não costumam valorizar muito as crônicas, para os autores vinculados a outras áreas, é comum que os esforços críticos sejam mais destinados ao romance ou à poesia. Pensando nisso, surge a questão de por que hierarquizar o trabalho dos autores de acordo com o gênero em que encontrou maior destaque?

¹ Thiago Mio Salla, autor do texto: Entre a literatura e o jornalismo: as crônicas de Graciliano Ramos.

Buscando responder a essa pergunta, este estudo se aprofundará na obra de Graciliano Ramos², escolhido por ser um dos romancistas mais importantes da literatura brasileira e que geralmente tem suas crônicas esquecidas, ou pouco lembradas, durante as discussões acerca de seu trabalho, sendo assim, será interessante aumentar a fortuna crítica referente ao exercício do autor como cronista.

Para atingir este objetivo, como dito anteriormente, será importante entender primeiro que as crônicas são uma manifestação literária do autor a respeito de temas cotidianos e por vezes datados, estão sempre, em maior ou menor grau, ligadas ao mundo ao seu redor, ao mesmo tempo que permitem o apuro e dedicação a arte literária. Sendo assim, a proposta de olhar para a obra de Graciliano a partir da perspectiva mundana de Said³, mostrará que há ainda mais camadas e nuances a serem consideradas, já que com as contribuições do teórico a respeito de pós-colonialismo, a crítica literária ganhou um novo viés, que não deve ser ignorado por aqueles que querem compreender ao máximo uma obra.

A *marcha para o Campo* foi o texto escolhido para maior destaque neste trabalho, pois está diretamente relacionada com como Graciliano Ramos se posicionou em alguns momentos quanto às pretensões desenvolvimentistas de Vargas, sendo interessante contextualizar e questionar algumas ideias já enraizadas a seu respeito. Na sequência um trecho do discurso de Vargas e outro da crônica que exemplificam sua relação.

O ano que se inicia será de trabalho intenso e de realizações fecundas. A ação do Estado não se limitará às tarefas da rotina administrativa. Ajustada ao ritmo do progresso nacional, procurará dar-lhe, direta e indiretamente, estímulos novos e meios adequados de expansão (VARGAS, 1938).

Ao passo que o centro e o norte permanecem assim, remotos, quase impenetráveis, certas regiões, como o Nordeste, super povoam-se, mas aí o homem, por efeito de condições mesológicas, dificilmente se fixa, de

²Nascido em 1892, em Quebrangulo, Alagoas, seu primeiro romance publicado foi *Caetés* em 1932, foi premiado e sua carreira seguiu. O livro mais popular se tornou *Vidas Secas*, sendo considerado para muitos um cânone da literatura brasileira.

³ Edward Wadie Said nasceu em Jerusalém, no ano de 1935. Seu trabalho mais aclamado é o *Orientalismo*. Foi uma das personalidades mais influentes da segunda metade do século XX, tendo contribuído para discussões políticas e culturais, o que o levou a ser considerado um dos pais dos estudos pós-coloniais.

arribada, numa existência de cigano, sobe ao Amazonas e ataca a seringueira, e quando a borracha declina, desce, invade os cafezais do sul. Ou procura a cidade grande, penetra a fábrica e o quartel. E a parte mais culta, constituída pelas chamadas classes intelectuais, tenta agarrar-se ao funcionalismo, à imprensa, a outras ocupações mais ou menos precárias. (RAMOS, 1938).

O principal objetivo desta monografia é ampliar o campo de discussão a respeito da literatura brasileira, ou seja, utilizar o texto de Graciliano Ramos e olhar pelo ponto de vista mundano, procurando assim contribuir para que os estudos literários aumentem seu interesse pelas crônicas ao entender melhor o seu valor perante o cânone.

CAPÍTULO 1

A importância da crônica no mundo

São vários os significados da palavra *crônica*. Todos, porém, implicam a noção de tempo, presente no próprio termo, que procede do grego *chronos*. Um leitor atual pode não se dar conta desse vínculo de origem que faz dela uma forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada. Mas a crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo. (ARRIGUCCI, 1985, p. 51)

Identificada muitas vezes como “gênero menor”, a crônica ainda luta para se afirmar junto aos seus pares mais aclamados, e embora essa definição pejorativa tenha se popularizado, está longe de ser verdade, Antonio Candido(2003) respondeu bem a isso: “‘Graças a Deus’, - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós.”. É o caráter volátil da crônica que faz com que alguns a desvalorizem entendendo que não é um texto propriamente literário, ou a ligação com a data em que foi publicada, pois perderia valor com o passar do tempo, mas ambos os argumentos podem ser confrontados.

Quanto a essa volatilidade, José Castello define como gênero anfíbio, devido a pluralidade que a crônica oferece, ou seja, a capacidade de conter em si a dita verdade e a ficção, assim como um anfíbio pode respirar dentro e fora da água. Além disso, a liberdade para escrever este tipo de texto pode ser o fator mais atraente e o maior complicador, sendo que tudo pode ser assunto para um cronista. O cronista, tem a liberdade e a possibilidade de relacionar o mundo real com a ficção, sem a necessidade de deixar claro quais são estas relações, a crônica pode ocupar justamente a transição entre real e ficcional.

No que diz respeito a fugacidade da crônica, Antonio Candido se mostra de acordo com tal ideia, sem que isto seja negativo, como podemos ver:

Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor.

Isto acontece porque não tem pretensões de durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. (CANDIDO, 2003)

A efemeridade da crônica não é encarada por Candido como um problema, para ele é essa qualidade que permite esse gênero transitar entre os outros e usá-los da forma que lhe couber, sem grandes consequências.

Proponho neste estudo confrontar essa afirmação, entendendo que o gênero carrega consigo a efemeridade dita por Candido, porém, os textos não deixam de existir quando um impresso é utilizado para forrar o chão. Ele mesmo não nega isso, apenas trata do princípio original que é ser publicada em jornais. Contudo, é preciso ir além de eternizar as crônicas reunindo-as em um livro, a contribuição que se pode tirar delas é quando pensamos em seu lugar no mundo. Para entender o que seria esse lugar e qual contribuição seria essa, é necessário definir o que é Mundanidade, evocando Edward Said.

1.1 Said e a Mundanidade

Tomo os romances e outros livros aqui considerados como objetos de análise porque, em primeiro lugar, eu os considero obras de arte e de conhecimento respeitáveis e admiráveis, que proporcionam prazer e são proveitosos para mim e para muitos outros leitores. Em segundo lugar, o desafio é relacioná-los não só com esse prazer e esse proveito, mas também com o processo imperial de que fazem parte de maneira explícita e inequívoca; mais do que condenar ou ignorar sua participação no que era uma realidade incontestável em suas sociedades, sugiro que o que aprendemos sobre esse aspecto, até agora ignorado, na verdade aprofunda nossa leitura e nossa compreensão dessas obras. (SAID, 1993 p.6)

O Palestino Said foi um dos mais importantes intelectuais e ativistas da segunda metade do século XX, seus trabalhos contribuíram nas mais variadas áreas dos estudos culturais e políticos, sendo o *Orientalismo* sua obra mais destacada, seguida

por *Cultura e Imperialismo*, textos fundamentais para o que chamamos de estudos pós-coloniais.

A teoria pós-colonial vem aumentando seu reconhecimento durante o século XXI, com o maior interesse de acadêmicos em estudar e publicar a respeito do tema e suas implicações na sociedade, as ciências humanas passaram a ter uma ferramenta importante para buscar compreender como o imperialismo deixou sua marca na cultura mundial, tanto do ponto de vista do dominador, quanto do dominado. Dentro dessa lógica, esses estudos se baseiam em entender as produções culturais dos países que foram colonizados, e dos colonizadores. Nesse meio teórico é comum que os esforços estejam concentrados em olhar para a produção cultural da colônia ou ex-colônia e perceber suas manifestações de resistência e de apropriação da cultura do colonizador, contudo, também dedicam-se esforços para compreender melhor como as relações imperialistas estão enraizadas nas obras de autores das colônias e ainda contribuíram para reforçar essa hierarquia.

Em *Cultura e Imperialismo*, Said se debruça sobre as relações da cultura do dominador reproduzindo o comportamento imperialista.

Assim, portanto, qual é o vínculo entre a busca de objetivos nacionais imperiais e a cultura nacional como um todo? O recente discurso intelectual e acadêmico revelou uma tendência a separá-las e dividi-las: inúmeros estudiosos são especialistas; boa parte da atenção tida como especializada volta-se para temas bastante autônomos, por exemplo, o romance vitoriano industrial, a política colonial francesa no norte da África, e assim por diante. Venho sustentando de longa data que a tendência de disciplinas e especializações em se subdividir e proliferar é contrária à compreensão do todo, quando se trata do caráter, da interpretação e direção ou tendência da experiência cultural. Perder de vista ou ignorar o contexto nacional e internacional, digamos, das representações que Dickens fez dos homens de negócios vitorianos, e enfocar apenas a coerência interna de seus papéis nos romances do autor é perder uma ligação essencial entre sua ação e o mundo histórico dessa ação. E compreender essa ligação não significa reduzir ou diminuir o valor dos romances como obras de arte: pelo contrário, devido à sua concretude, devido a suas complexas avaliações a seu quadro real, eles são mais interessantes e mais preciosos como obras de arte. (SAID, 1993, p. 34)

A passagem destacada aponta para o que Said discorre durante boa parte do livro, analisando romances europeus consagrados do século XIX de forma a expor seus traços imperiais, sem nunca tratar isto como uma diminuição da obra de arte, na verdade, essa camada de complexidade, que sempre esteve ali, apenas foi pouco observada, torna a obra ainda mais rica, interessante e representativa.

Ainda na passagem anterior podemos apontar uma introdução ao que vamos entender como Mundanidade, exposto na crítica à tendência dos estudiosos em tornarem-se especialistas em temas bastante específicos, prejudicando a compreensão das experiências culturais como um todo e levando ao erro de isolá-las como se cada uma fosse um mundo à parte. É na contramão disso que encontramos a Mundanidade, que segundo Santos⁴ seria o que oferece o espaço para pensar as relações entre corpos literários e o mundo.

E é justamente o conceito de Mundanidade que produz o espaço necessário para se poder pensar a relação dos corpos literários e o mundo. Ao mesmo tempo, esse conceito é o nome da relação própria que as obras estabelecem com o mundo. Em outras palavras, os textos com que lidam os estudiosos profissionais da cultura – os intelectuais, acadêmicos, humanistas, críticos – estão contaminados e embebidos das relações materiais de onde foram concebidos, circulados, lidos, que interpõem certas resistências às forças de interpretação. (SANTOS, 2016,p.21)

Santos também nos oferece auxílio para entender as origens do conceito, ao buscar as referências que podem ter levado Said até ele, como Vico, Auerbach e Fanon.

As obras literárias, além de serem constituídas pelo e no mundo, constroem-no e ajudam a conformar e distribuir os lugares de pertença e circulação de corpos e ideias. Essa concepção saidiana do liame entre texto e mundo é devedora de um princípio formulado por um filósofo napolitano, que viveu entre os séculos XVII e XVIII, cuja fecundidade pavimentou um novo espaço para reflexão sobre a humanidade e o mundo, proporcionando toda a constituição de um campo de pensamento. Trata-se do princípio de que os homens fazem o mundo civil em que vivem, de Giambattista Vico, tal como o filósofo o formulou e deu sentido em sua obra máxima *La Scienza Nuova* (1744). (SANTOS, 2016, p. 22)

Assim é que Auerbach produz seu próprio método filológico que não dispensa, nas palavras de Edward Said nem o "escrutínio paciente e detalhado e [a] atenção de vida inteira que têm como foco as palavras e as retóricas pelas quais a linguagem é usada por seres humanos" e nem a existência história dos seres humanos. Não há um dualismo excludente "texto ou mundo"; o que há, como arremata Said nas palavras seguintes às citadas acima, é a própria mundanidade da atividade filológica sobre os assuntos humanos, de processos histórico-estéticos dos quais "nós brotamos e dos quais participamos". (SANTOS, 2016, p. 39)

Em "Teoria Ambulante", publicado em 1983, Said apresenta, portanto, uma relação muito estreita com o pensamento de Lukács, que, por sua vez, escrevia sob um fundo hegeliano inegável. O que acontece, 17 anos mais tarde, na reconsideração de sua teoria itinerante e no ensaio sobre história, literatura e geografia, é que Said abandona precisamente o ponto de inflexão da teoria social de Lukács, a resolução da contrariedade dos contrários

⁴ Lucas de Jesus Santos, autor da tese: Retorno à filologia e humanismo em Edward W. Said, na qual se debruça a entender conceitos do Said e como utilizá-los para leituras culturais.

através da tomada de consciência. Isso ocorre pela introdução do trabalho de Franz Fanon, *Os Condenados da Terra*, no horizonte saidiano de reflexão sobre as viagens das teorias. Ao invés de considerá-las, de um ponto de vista lukacsiano, resolutas, através do movimento sintético da dialética hegeliana, dada pela primazia da consciência na história, Said passa a tomá-las sob um ponto de vista geográfico. Isso reorganiza totalmente as bases com que Said tratará sejam textos ou a própria atividade estético-política dos intelectuais e suas relações de mundanidade. (SANTOS, 2016, p. 53)

Por fim, a última constatação de Santos para que possamos definir o conceito diz respeito a sua aplicação, Said não limita os textos a serem traduzidos em Mundanidade, ao contrário, a Mundanidade estaria contra essa limitação, pois “os leitores críticos atuam produzindo mundanidades, circunstancialidades”. Ou seja, as leituras críticas não podem se basear apenas na mundanidade e ignorar outros conceitos, ela se dá justamente pelas relações entre o que é mundano, que é tudo aquilo que está no mundo, logo, influenciando e sendo influenciado por tudo ao seu redor.

Após a apresentação e definição de Mundanidade, é possível encaminhar este estudo para seus objetivos principais, mostrando como podemos olhar para a literatura brasileira a partir do que já foi apresentado, de forma mais específica para a fortuna de crônicas do país.

1.2 Mundanidade aplicada à crônica brasileira

Segundo José Castello, foi no século XX que a crônica se firmou no Brasil, assumindo suas características próprias, tornando-se “um gênero brasileiro”, por ter se adaptado e expandido no cenário nacional. Ele vai além:

Isso não fala, contudo, nem de uma identidade, nem de um modelo. Ao contrário: o que marca a crônica brasileira é que, em nossa literatura, ela se torna um espaço de liberdade. Qual escritor brasileiro, no século XX, teve o espírito mais livre que Rubem Braga? Quem mais, desprezando as normas e pompas literárias, e com forte desapego aos cânones e aos gêneros, apostou tudo na crônica - vista como um gênero capaz de jogar de volta a literatura no mundo? (CASTELLO, 2007, p. 1)

Traz a liberdade pertinente aos cronistas, ressaltando Rubem Braga, sem dúvida um dos maiores expoentes no assunto, e trata como Braga foi capaz de sintetizar a necessidade de a experiência literária estar dialogando sempre com o seu redor. Tendo isso em vista, pode-se expor agora como a Mundanidade contribui para

o debate literário, dando enfoque ao Brasil, para posteriormente eleger um autor e um texto para examinar mais a fundo.

Se todos os gêneros literários são mundanos, eles produzem e ao mesmo tempo fazem parte da Mundanidade, sendo assim, estão criando algo para relacionar e sendo produto daquilo com que se relacionam. Pela perspectiva mundana de Said, uma obra está sempre se relacionando com outras e com o ambiente em que foi produzida, o próprio chega a colocar a importância de questões geográficas, sendo assim, ao olharmos para o Brasil é necessário entender que Brasil é esse. Não há uma homogeneidade brasileira, é um país de misturas, de transições, primordialmente plural, logo, entender o Brasil significa aceitar que cada região possui suas circunstancialidades, que elas estão interligadas, mas não sobrepondo-se umas às outras, e sim coexistindo. Essa formação de país pode ser comparada a Mundanidade, várias regiões com seus aspectos próprios, relacionando-se, criando mundanidades, culminando em uma nação mundana, como todas. Por isso, sua literatura, que está inserida nesse contexto, também é mundana.

Por que então a crônica como o elo mais indicado entre literatura e Mundanidade? A resposta, como não poderia deixar de ser, está em vários aspectos: a capacidade da crônica se colocar entre o jornalismo e o literário, que também podemos associar com o real e o ficcional; a forte ligação dela com tempo, seu apego à quando foi publicada, faz com que ao ser estudada não possa ser deixado de lado o contexto em que está inserida, sendo assim, exige que o leitor crítico faça sua análise de forma mundana, mesmo quando o conceito não está explícito; e ainda a liberdade, o poder de falar sobre e como quiser de qualquer assunto, permite que os cronistas projetem suas opiniões e outras subjetividades de uma forma diferente, mais mundana, do que outros gêneros. Além da periodicidade, dificilmente um autor não cronista tenha sido publicado com a mesma regularidade de um cronista.

Portanto, no empenho de elucidar ainda mais as ideias já apresentadas, depreende-se que Mundanidade seria como um espaço que Said encontrou para realizar suas análises, orientá-las e até colocá-las em xeque, porém, um espaço que se auto alimenta, ao gerar mais mundos, assumindo que cada objeto seja um mundo, e se modifica continuamente graças a esse movimento ininterrupto de criação e ressignificação. O que no meio brasileiro, voltando-se para a crônica, significa dizer

que ela produz, influência e realiza trocas, com todos os outros “mundos”, sem nunca deixar de fazer parte de um cenário macro e diverso, que podemos chamar de literatura brasileira, ou até Brasil.

Após definir o conceito, este estudo passará agora para sua hipótese a ser defendida, primeiro apresentando e contextualizando Graciliano Ramos, para depois selecionar uma de suas crônicas.

Capítulo 2

Graciliano Ramos e o governo Vargas

Graciliano Ramos de Oliveira é um dos escritores brasileiros mais importantes da sua geração, chamada por Modernismo de 30, e de toda história literária brasileira. Nascido em 27 de outubro de 1892, na cidade de Quebrangulo, Alagoas. Durante a infância morou em várias cidades da região de Alagoas e arredores, até que em 1914 saiu de Maceió em direção ao Rio de Janeiro, onde trabalhou como revisor e cronista, ainda mantendo relações de trabalho também com o Jornal de Maceió. No ano seguinte voltou para Alagoas, na cidade de Palmeira dos Índios, onde já havia morado. Sua volta se deu devido à morte de familiares vítimas da epidemia de peste bubônica. Se estabeleceu em Palmeira dos Índios por vários anos, sendo até eleito prefeito da cidade no ano de 1927, dois anos depois de começar a escrever seu primeiro romance, *Caetés*, publicado em 1933. Também em 1933, foi nomeado ao cargo de diretor da Instrução Pública de Alagoas, o equivalente hoje a secretário da educação.

No ano seguinte publicou o segundo romance: *São Bernardo*. É em 1936 que Graciliano tem sua experiência na prisão, em 03 de março foi preso sob suspeita de ser um militante comunista. Ainda nesse ano publicou *Angústia*, romance que teve sua produção afetada pelas turbulências da vida pessoal do escritor. Em 03 de Janeiro de 1937 foi libertado da prisão no Rio de Janeiro e ganhou o prêmio de literatura infantil do ministério da educação por *A Terra dos Meninos Pelados*. Seu romance mais popular nos dias de hoje foi publicado em 1938, *Vidas Secas* se tornou um marco na obra de Graciliano Ramos e para a literatura brasileira, alçando o já renomado romancista a outro patamar. Nos anos seguintes continuou sua carreira premiada e teve várias publicações, entre textos infantis, traduções e afins, incluindo os livros *Infância* (1945) e *Insônia* (1947). Mesmo tendo sido preso em 1936 em suspeita de militância comunista, foi em 1945, por convite de Luís Carlos Prestes, que

o autor de *Vidas Secas* se filiou ao partido comunista. Em 1952 viajou para Europa, onde conheceu países como União Soviética e França. Mas foi em 26 de janeiro de 1953 que Graciliano Ramos faleceu, devido a um câncer de pulmão.

Como pôde-se notar, a vida de Graciliano foi bastante movimentada, e uma das coisas mais curiosas está na relação com o governo, o mesmo governo que o empregou, premiou e enalteceu, também foi quem o prendeu. Sendo assim, é interessante contextualizar um pouco mais a respeito do que foi o governo de Getúlio Vargas, especialmente no período de 1930 até 1945, quando Ramos esteve bastante envolvido.

2.1 Estado Novo

Getúlio Vargas governou o Brasil continuamente durante o período de 1930 a 1945, e voltou ao poder em 1951, quando enfrentou fortes crises levando-o a cometer suicídio em agosto de 1954. Sua ascensão ao poder se deu devido à revolução de 1930, que destituiu Washington Luís e impediu a posse de Júlio Prestes, encerrando então a chamada Política do Café com Leite⁵, isso ocorreu graças ao rompimento entre as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais devido a escolha de Prestes, o que levou a elite mineira a associar-se a outros grupos, culminando na candidatura de Vargas, que mesmo derrotado assumiu o poder em novembro de 1930, após, em outubro, a revolta organizada por seus apoiadores derrubar Washington Luís. Começando então a primeira fase da era Vargas: o Governo Provisório. Essa fase durou até 1934, quando se iniciou a segunda fase: o Governo Constitucional. É então em 1937 que Vargas inicia seu período notoriamente totalitário, o Estado Novo.

De 1937 a 1945, Getúlio governou o Brasil de maneira centralizadora, sendo que estabeleceu por meio de um golpe de estado uma nova constituição, redigida por Francisco Campos, inspirada nas constituições da Itália e da Polônia, regimes fascistas naquele momento. A justificativa para esse golpe era conter uma ameaça de ascensão comunista, e a nova constituição foi a maneira de legitimar a ação e

⁵ A Política do Café com Leite vigorou de 1898 a 1930, era uma forma de São Paulo e Minas Gerais se alternarem no poder do país e perpetuar seus interesses. Leva esse nome graças a forte produção de café paulista e a relação mineira com leite e consequentemente gado.

ainda aumentar os poderes de Vargas. Esse é o período que conhecemos como Estado Novo, caracterizado pelo autoritarismo; por políticas trabalhistas, como a criação do salário mínimo (1940) e depois a consolidação das leis trabalhistas (1943); pela criação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), que buscava fazer intelectuais e artistas trabalharem para promover ou defender o governo, e ainda censurava a imprensa e produções culturais.

Vale ressaltar que a consolidação das leis trabalhistas não são apenas resultado da posse de Vargas, embora tardias no Brasil (apenas em 1943), as reivindicações pelos direitos trabalhistas já faziam parte das pautas nacionais. Getúlio, entendendo essa demanda, aproveitou para apropriar-se disso com sua propaganda na busca de criar a figura de “pai dos pobres”, indo de encontro a sua política populista.

É em meio a esse cenário que Graciliano Ramos escreveu *A marcha para o campo*, após o discurso de Vargas na noite de 31 de dezembro de 1937, o qual podemos ver seu sumário recortado a seguir.

SUMÁRIO

O dever de transmitir ao povo a palavra de fé — As responsabilidades do regime recém-instituído — A Constituição de 10 de novembro e os problemas atuais da vida brasileira — Suspensão do pagamento da dívida externa — Não se negam os compromissos, mas é preciso tempo para solucionar nossas dificuldades — A falsa atitude filantrópica dos agentes da finança internacional não mais nos impressiona — Se não hostilizamos o capital estrangeiro, não podemos conceder-lhe outros privilégios além das garantias normais que oferecem os países novos em plena fase de crescimento — Modificámos a onerosa política do café e o regime cambial — A extinção dos partidos políticos visou suprimir a interferência dos interesses facciosos e de grupos na solução dos problemas de governo — O Estado, segundo a ordem nova, é a Nação — A criação da justiça nacional — A codificação do direito nacional — A lei que proíbe as acumulações dos cargos públicos — E' uma necessidade urgente galgar a montanha, transpor os planaltos e expandir-se no sentido das latitudes — O verdadeiro sentido da brasilidade é a marcha para o Oeste — Os problemas brasileiros não se reduzem à valorização da terra; o homem brasileiro deve transformar-se em agente dinâmico do nosso progresso.

2.2 A marcha para o campo

*A marcha para o campo*⁶ é uma crônica escrita por Graciliano Ramos no ano de 1938, inspirada no discurso da virada de ano do presidente Getúlio Vargas, no qual o chefe de estado promete avanços econômicos para as regiões menos favorecidas do país. Essa crônica é um bom ponto de partida para levantar questões a respeito de quais eram as ligações entre Graciliano e o governo Vargas. Mas antes precisamos entendê-la.

O título é uma alusão à fala de Vargas, no sumário do discurso da virada de 1937, "marcha para o Oeste", que é uma proposta de solução para a necessidade do país em tornar-se mais homogêneo entre suas regiões. Ramos, na crônica, diz estar em acordo com tal proposta, entendendo que levando o progresso às regiões mais necessitadas os problemas tanto delas quanto das cidades mais desenvolvidas seriam amenizados.

Realmente o Brasil sofre duma espécie de macrocefalia. Enquanto a capital se desenvolve enormemente para cima e para os lados, importando por avião e transatlântico os bens e os males da civilização, o campo definha, pacatamente rotineiro, longe da metrópole no espaço e no tempo. Faltam-lhe vias de comunicação — e certos lugares, verdadeiras ilhas no mundo atual, pouco diferem do que eram sob o domínio dos capitães-mores. Os hábitos daquela época transmitiram-se fielmente de pais a filhos, os processos de trabalho pouco ou nada variaram, a gente escassa, confinada em extensas áreas inexploradas, enraizou-se: uma viagem ao litoral desconhecido parece-lhe aventura respeitável. Ao passo que o centro e o norte permanecem assim, remotos, quase impenetráveis, certas regiões, como o Nordeste, superpovoam-se, mas aí o homem, por efeito de condições mesológicas, dificilmente se fixa, de arribada, numa existência de cigano, sobe ao Amazonas e ataca a seringueira, e quando a borracha declina, desce, invade os cafezais do sul. Ou procura a cidade grande, penetra a fábrica e o quartel. E a parte mais culta, constituída pelas chamadas classes intelectuais, tenta agarrar-se ao funcionalismo, à imprensa, a outras ocupações mais ou menos precárias. (RAMOS, 2016)

No recorte, podemos observar como Graciliano assimila a má distribuição das riquezas no país ao classificar que existe uma macrocefalia, ou seja, uma

⁶ Durante a pesquisa para este trabalho, não foi encontrada a informação exata de onde o texto foi originalmente publicado. Pode ser encontrado no livro *Linhas Tortas*, que reúne crônicas escritas por Graciliano ao longo de anos e para variados meios de comunicação.

desigualdade no desenvolvimento que acelerou o processo para algumas regiões e o atrasou para outras.

O que, porém, se projeta, como declara o chefe do Estado, “não será obra para uma geração”. Estradas de rodagem, ferrovias, linhas de navegação, a princípio darão trabalho às populações rurais, depois transportarão para os centros urbanos não indivíduos desocupados, mas as riquezas que se produzirem. O governo promete a instalação da grande siderurgia, o que determinará, sem dúvida, uma transformação radical nos nossos costumes. Sentir-nos-emos pouco a pouco fortes, cortaremos as amarras que ainda nos prendem ao velho continente. Quando fabricarmos os trilhos das nossas estradas e construirmos as locomotivas que hão de rodar sobre eles, poderemos pisar com força, aprumar o espinhaço e exibir a arrogância tranquila de certos visitantes que aqui aportam com ares de proprietários. (RAMOS, 2016)

Já nesta passagem, revela-se uma concordância com o que sinalizou o presidente no discurso, ao dizer que pouco a pouco o povo passará a se sentir mais forte, dá-se a entender que os avanços pretendidos poderão entregar essa melhora, mesmo que o processo seja lento, como ele também destaca. Assim percebemos que há no texto uma retórica progressista, uma crença de que o desenvolvimento industrial, alinhado aos ganhos econômicos levariam uma sociedade a avançar também no que diz respeito à “evolução” do povo brasileiro.

No discurso de 1º de janeiro, nenhuma admiração inútil a riquezas inexploradas. Afirma-se ali, porém, que essas riquezas serão arrancadas do seio da terra. Assim, o homem acabará prendendo-se a ela e amando-a, não com o amor palavroso e estéril aconselhado em gritos pelos que fazem do patriotismo uma indústria, mais em silêncio e energicamente trabalhando (RAMOS, 2016).

Também está presente, na visão do alagoano exposta pela crônica, a noção de que não é o ufanismo que exalta as belezas naturais do Brasil que pode mudá-lo, mas sim o apego ao trabalho, a exploração do que o país pode oferecer para que o povo se desenvolva como trabalhador, o que seria, de acordo com ele, a melhor forma de progredir.

A marcha para o campo é um retrato de como Graciliano entende os problemas do Brasil, e de que forma pensa ser possível solucioná-los. Este retrato está alinhado com o que Vargas sinalizou, mas como interpretar isso em meio a vida e a obra do escritor?

2.3 Mundano

Retomamos o conceito de Mundanidade anteriormente apresentado, entendendo que é o espaço de análise que nos permite aceitar a coexistência de produções literárias de Graciliano que possam não estar em total acordo uma com a outra. Porém, mais do que isso, assim como Said encontrou em autores de países imperialistas o reflexo dessa prática, podemos encontrar no exemplo do romancista brasileiro o mesmo mecanismo, ou seja, a mesma reprodução de um pensamento comum vigente na sociedade de sua época.

Ainda são nebulosas as motivações dos trabalhos de Graciliano Ramos para o governo durante a era Vargas, o escritor prestou serviços de variadas maneiras para o estado, sendo até nomeado ao cargo de diretor da Instrução Pública de Alagoas, como já mencionado, que seria o equivalente ao secretário da educação, além de escrever artigos e textos de variados gêneros por encomenda ou para meios de comunicação nos quais o alagoense publicou com certa frequência.

Seria polêmico e imprudente afirmar que Graciliano foi um defensor das políticas de Getúlio, sabemos que em 1936 o escritor foi preso sob suspeita de militância comunista, o mesmo comunismo que serviu como justificativa para o golpe que levou ao Estado Novo em 1937, mas algumas incoerências podem ser apontadas nessa relação. Embora tenha sido preso, os trabalhos anteriores de Ramos mostram que ele também se beneficiou por vezes do regime, ao menos como um empregador que o possibilitou rendimentos financeiros para uma vida mais confortável do que o ofício de escritor poderia oferecer. Tendo em vista que muitos outros intelectuais também encontraram no funcionalismo público o seu sustento, é injusto tratar Graciliano como apoiador do governo apenas por isso, seus filhos, inclusive, defendem que todas as relações do pai com o governo eram de trabalho, apenas buscando o retorno financeiro para seu sustento, e no que diz respeito às práticas e ambições do estado, ele sempre teria tomado postura crítica e contrária. Mas é fato que ele prestou serviços ao governo, inclusive para o DIP, o órgão que fazia propaganda, defendia e até censurava em prol do governo.

Como colocado anteriormente, a utilização deste conceito de Said possibilita que uma leitura crítica seja feita buscando não ignorar as proximidades ou as distâncias que Graciliano possa ter tido com o regime de Vargas. Nos apropriando do viés saidiano de Mundanidade podemos assumir que sim, há alinhamento entre as partes que tentamos relacionar, o que não implica em anular as outras facetas de Ramos, que isoladas o colocariam em oposição ao Estado Novo. Dentro da Mundanidade que contém e está contida na crônica, cabem tanto o alinhamento progressista de Vargas e Ramos, quanto a prisão e a filiação ao partido comunista, já que tudo isso permeou e influenciou de alguma forma a obra literária de Ramos.

Da mesma forma que Said lê o romance inglês vitoriano como uma reprodução do pensamento imperialista, no qual os autores estavam inseridos e localizados no lado do dominador, estamos vendo Graciliano reproduzir o que o estado promovia naquele momento, seja por sua opinião própria ou dever profissional. Essa constatação não implica em reduzir a apenas isto os trabalhos do autor e esquecer o que for conflitante, muito pelo contrário, a contribuição que tiramos ao aplicar a Mundanidade e olhar para a obra é a possibilidade de procurar em todo o trabalho de Graciliano este reflexo de seu momento histórico e sua posição social.

Com a proposta de adicionar camadas para enriquecer a já existente fortuna crítica sobre o autor, podemos no futuro procurar em outras obras a mesma retórica progressista presente em *A marcha para o Campo*, ou ao menos utilizar-se da Mundanidade saidiana para sempre buscar tal enriquecimento.

Conclusão

Esta monografia foi motivada pelo interesse em valorizar o gênero crônica, buscando aumentar sua literatura crítica e oferecer mais vertentes a quem queira empenhar esforços acerca dessa nobre arte. Encontrou-se em Graciliano Ramos a possibilidade de gerar novas hipóteses quanto às relações entre a vida e a obra do autor, tal como entre sua produção de romances e de crônicas, manifestações literárias que não se anulam, pelo contrário, podem colaborar entre si. Segundo Antonio Candido (2006, p.17), para ler Graciliano Ramos é importante que o leitor esteja preparado para embarcar em uma viagem que percorre desde as pequenas coisas do dia a dia até as maiores emoções humanas. Foi concordando com isso que este estudo se baseou no autor alagoano, por almejar que a força desse escritor seja reconhecida em sua plenitude.

Foi apresentado o conceito de Mundanidade de Said, o que colabora para a ampliação do campo de estudos no qual uma obra literária pode ser vista por suas relações com o entorno, em conjunto com o mundo que ela própria oferece. Assim foi possível propor uma abordagem alternativa para o exercício crítico a respeito de Ramos, e aceitar que as contradições são parte do mundo, da humanidade e, por consequência, das produções humanas.

Além disso, o uso da crônica *A marcha para o campo* possibilitou diagnosticar proximidades entre a visão de Brasil do escritor e as pretensões progressistas de Getúlio Vargas, relação um tanto esquecida no que diz respeito à crítica tradicional sobre o autor. O que não significa que ele estivesse alinhado a todas as posições do governo Vargas, apenas estabelece mais um paradigma a ser observado.

Considerando que o mecanismo empregado neste estudo pode ser reutilizado para analisar outras obras, podemos criar hipóteses sobre outros autores que tenham produções em diferentes gêneros, ou procurar dentro da própria obra de Graciliano Ramos, mais mundanidades. Ainda seguindo o mesmo mecanismo, é possível pensar sobre as influências que o meio virtual trouxe para a linguagem e como isso tem refletido nas produções culturais.

Foi compreendido por este estudo que a crônica é um gênero que se encaixa muito bem ao Brasil, e que serviu, e ainda serve, de meio para grandes autores abordarem, com a liberdade encontrada ali, todo e qualquer assunto que lhes caiba, sempre flutuando entre a realidade e a ficção.

Para o futuro, uma proposta interessante seria olhar para a produção de Machado de Assis de forma semelhante ao que este estudo fez com Graciliano Ramos, procurando em Machado as interações de seus romances e suas crônicas com o contexto em que estava inserido o autor.

Referências

- ARRIGUCCI, Davi. Enigma e Comentário. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CANDIDO, Antonio. "A vida ao rés-do-chão". In: Para gostar de ler: crônicas. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003. pp. 89-99.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: Ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre azul, 2006.
- CASTELLO, José, Crônica, um gênero brasileiro. Curitiba, 2007 <https://edisciplinas.usp.br/mod/folder/view.php?id=1029267> Acesso em Janeiro de 2021.
- RAMOS, Graciliano. Linhas tortas. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2016. recurso digital.
- SAID, Edward W. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SALLA, T. M. . Entre a literatura e o jornalismo: as crônicas de Graciliano Ramos. *Caligrama (São Paulo. Online)*, 1(2). 2005. <https://doi.org/10.11606/issn.1808-0820.cali.2005.64271> .
- SANTOS, Lucas de Jesus. Retorno à filologia e humanismo em Edward W. Said. Campinas: 2016.

VARGAS, Getúlio. “No limiar de 1938.” Biblioteca da Presidência da República.1938.http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/getulio-vargas/discursos-1/19308.pdf/at_download/file. Acesso em Janeiro de 2021.